

7. Admitindo que não somos bons

O que estou tentando aprofundar com vocês é, em primeiro lugar, o fato de que os votos e compromissos que assumimos para seguir Cristo na vocação que Deus nos reservou pessoalmente, só fazem sentido e dão frutos se os entendermos como uma ajuda a passar dos nossos interesses aos interesses de Cristo, que na realidade são os nossos interesses ao cêntuplo, porque o único interesse de Cristo, do Pai e do Espírito, é a nossa salvação, a plenitude da nossa vida na participação da vida divina do Filho de Deus, na Trindade.

Mas para chegar a entender assim os votos e os compromissos que prometemos em todas as formas de vocação, a começar pela vocação batismal cujos compromissos renovamos em cada Vigília Pascal, é necessário que façamos experiência que este salto dos nossos interesses aos de Jesus Cristo, não é fruto da nossa capacidade, do nosso empenho, mas de uma graça do Espírito Santo que vem em socorro à nossa fraca liberdade e vontade.

Jesus nos diz algo muito importante quando fala de oração no Evangelho segundo Lucas: "Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará o Espírito Santo àqueles que lhe pedirem" (Lc 11,13)

Uma vez disse a uma monja que ela era má. Ela ficou com um pouco de raiva. Mas lhe disse: "Sim, tu és má, como eu sou, assim como a abadessa e todas as tuas irmãs. Até o Papa é mau. Não fui eu quem disse: está escrito no Evangelho, então deve ser verdade, mesmo que nem sempre apareça claro para ti ou para mim que somos maus!"

Não sei se me fiz entender, mas compreendo cada vez mais que aqueles que não se deixam dizer por Jesus que são maus, nunca poderão tornar-se bons, porque continuarão a querer tirar a bondade da cisterna rachada da sua própria vontade, do seu próprio empenho, e não pedirão realmente a Deus, ao Pai bom.

De fato, Jesus diz ao jovem rico que o chama de "Mestre Bom": "Porque me chamas bom? Ninguém é bom, somente Deus" (Mc 10,18). É incrível, mas nem mesmo Jesus quer ser considerado bom! Quer que apenas o Pai seja considerado bom. Porque Ele também não quer viver da Sua bondade, embora seja divina e infinita como a do Pai, mas prefere transmitir a bondade do Pai que o Espírito lhe comunica constantemente, e que Ele pede ao Pai como se respirasse continuamente.

Compreendam que mesmo todas as virtudes, que se resumem na caridade, que é a bondade de Deus, não são possíveis se não nos sentimos vazios e incapazes, e ofereçemos a Deus o espaço da oração humilde, do pedido constante, que permite ao Espírito nos encher de toda virtude, bondade e caridade.

De fato, o que São Bento nos pergunta imediatamente no Prólogo da Regra? "Antes de tudo, quando encetares algo de bom, pede-lhe com oração muito insistente que seja por ele plenamente realizado, a fim de que nunca venha a entristecer-se, por causa das nossas más ações, aquele que já se dignou contar-nos no número de seus

filhos; assim, pois, devemos obedecer-lhe em todo tempo, usando de seus dons a nós concedidos para que não só não venha jamais, como pai irado, a deserdar seus filhos, nem tenha também, qual Senhor temível, irritado com nossas más ações, de entregar-nos à pena eterna como péssimos servos que o não quiseram seguir para a glória." (RB Pról. 4-7)

Nesta passagem da Regra em que insiste muito na oração contínua e insistente, São Bento fala várias vezes do bem e do mal, da bondade e da maldade que pode existir entre nós e Deus. O bem é, antes de tudo, algo que procuramos, algo que nos encaminhamos e queremos alcançar. Ao mesmo tempo, há bens de Deus que são colocados à nossa disposição o qual devemos obedecer, pelos quais somos responsáveis perante o Pai. Se isto não acontecer, Deus ficará triste com as nossas más ações, ou ficará tão irritado que nos condenará ao castigo eterno como servos perversos ("*nequissimos servos*"). Mas porque estes servos são perversos? Porque não quiseram seguir o Senhor até à glória, a glória dos filhos de Deus.

O cumprimento da boa obra que devemos, portanto, pedir a Deus com oração muito insistente ("*instantissima oratione*") é, a glória de Deus, que participaremos como filhos em Cristo por obra do Espírito Santo, que Jesus nos diz para pedir ao Pai com total confiança, para não sermos maus, mas filhos do Pai bom.

Deus não se irrita com as nossas fraquezas, as nossas quedas, a nossa incapacidade de ser tão bom como Ele é. Seria como se um pai se irritasse com o seu filho de dois anos por não saber como ganhar a vida, indo trabalhar. O que entristece e irrita Deus – mas Nele toda a tristeza e irritação são sempre expressões do Seu amor – é que não admitimos que precisamos Dele para mudar, crescer, nos converter da maldade à bondade, do egoísmo à caridade que "não procura o seu próprio interesse" (1 Cor 13,5).

Todos precisamos desta conversão, desta passagem pascal que nos faz passar da morte para a vida, porque o homem que olha só a si mesmo, que ama a si mesmo, morre, morre para a vida divina pela qual foi feito, que é a caridade de Deus. Não vivemos se não passamos do egoísmo do pecado original à caridade, que não procura o seu interesse, literalmente: que "não procura o que é seu", onde não se procura o que é próprio, o que é para si, mas o que é para Deus e para todos, para o que o nosso coração é feito, o amor de caridade pelo qual somos feitos, pelo qual a vida nos foi dada.

Se não compreendemos todos os compromissos da nossa vocação, como os nossos votos, dentro desta passagem, erramos tudo, saímos da estrada, e a nossa vocação não alcança a finalidade pela qual foi dada, isto é, não seguimos Cristo até à glória do Pai, que foi todo o propósito da sua vida e missão, e portanto, todo o propósito e plenitude da nossa vida e vocação.